

CACOETES, PRECONCEITO, BULLYING E RACISMO: OBSERVAÇÕES DO COTIDIANO ESCOLAR

Antonio Fernando Santos

Universidad Tecnológica Intercontinental - UTIC

fernando.pedagogo@gmail.com

RESUMO

O referido estudo faz parte de uma análise feita em várias situações observadas no cotidiano escolar nas instancias de ensino fundamental, médio e superior tanto da rede pública como particular. Com base em pesquisas bibliográficas e as abordagens sobre a falta de afirmações e implementações das políticas públicas já existentes em combate ao racismo, preconceitos e ao bullying nas escolas, foi feita uma pesquisa em caráter qualitativo de forma analítica através de observação e acompanhamento da realidade vivenciada no tocante de sala de aula. Constatamos que as crianças que por ventura possuem algum tipo de cacoetes, negras, de credos diversificados e comportamentos passivos e educados, passavam a serem alvos do que podemos denominar de preconceito, racismo e discriminações não só pelos colegas em sala de aula como por alguns funcionários do espaço escolar. Sendo assim, este trabalho tem como um dos objetivos chamar à atenção, para várias situações encontradas no dia a dia escolar que serve como base de análise e identificação das inúmeras formas de discriminações e de preconceitos ativos dentro dos estabelecimentos de ensino seja ele fundamental, médio ou superior. Causando aos educando um sentimento de inferioridade psicológica que infelizmente contribuirá para seu péssimo rendimento escolar e conseqüentemente a evasão.

Palavras chaves: Racismo; Preconceito; Bullying.

RESUMEN

Este estudio forma parte de un análisis realizado en varias situaciones observadas en el cotidiano escolar en las instancias de enseñanza fundamental, media y superior tanto de la red pública como privada. Con base en investigaciones bibliográficas y los enfoques sobre la falta de afirmaciones e implementaciones de las políticas públicas ya existentes en combate al racismo, preconceptos y al bullying en las escuelas, se realizó una investigación en carácter cualitativo de forma analítica a través de observación y acompañamiento de la realidad vivenciada en lo que se refiere al aula. Constatamos que los niños que por ventura poseen algún tipo de cacaetes, negras, de credos diversificados y comportamientos pasivos y educados, pasaban a ser blancos de lo que podemos denominar de prejuicio, racismo y discriminaciones no sólo por los compañeros en el aula como por algunos funcionarios del espacio escolar. Siendo así, este trabajo tiene como uno de los objetivos llamar a la atención, para varias situaciones encontradas en el día a día escolar que sirve como base de análisis e identificación de las innumerables formas de discriminaciones y de preconceptos activos dentro de los establecimientos de enseñanza sea fundamental, o superior. Causando a los educando un sentimiento de inferioridad psicológica que desafortunadamente contribuirá a su pésimo rendimiento escolar y conseqüentemente la evasión.

Palabras claves: Racismo; Perjuicio; La intimidación.

1. INTRODUÇÃO

Muitas foram as conquistas no campo educacional nesses últimos anos. No entanto a falta da implementação da lei nº 10.639/03 e a 11.645/08, que trata da

obrigatoriedade do ensino dos conteúdos da história e cultura afro-brasileira e indígena a serem inseridas nos currículos escolares do país, bem como outras políticas públicas efetivas no combate às desigualdades sociais. Colaboram para um protagonismo preconceituoso, racista e incentivando o aumento dos bullying nas escolas.

A criança ao internalizar essa ideia de desigualdade passará a desenvolver sérias complicações não só no tocante educacional como psicológica contribuindo para o desânimo e a falta de interesse para com os estudos, conseqüentemente a evasão que tanto lutamos no combate. Mas a ausência de ações estratégicas e emergenciais faz com que continuemos a reproduzir uma educação ultrapassada e desumana, desconsiderando a própria constituição federal que a assegura a todos na forma de lei uma educação de qualidade e igualitária.

No entanto não basta somente identificarmos os tipos de preconceitos, discriminações e bullying em nosso dia a dia profissional, bem como estarmos na defesa das nossas crianças portadoras de cacoetes. Necessitamos de uma política na atuação de formação continuada e atenuada ao enfrentamento das várias situações encontradas no contexto educacional de sala de aula. Nas quais frequentemente nos debatemos em meio a um entrave social que vai além da questão de gênero ao religioso que de forma vergonhosa tende a nos colocar a prova das nossas praticas pedagógicas e docentes.

2. DESENVOLVIMENTO

Cada um de nós possui uma personalidade a qual foi desenvolvida e formatada em nosso seio familiar, comprovadamente atribuído como nossa primeira vivência em comunidade. São esses traços de personalidade que definem na maioria das vezes nossos interesses, nossos gostos, aversões e acontecimentos da nossa vida.

Segundo Silva (2010, p. 73) “A personalidade resulta da interação do temperamento com grande variedade de situações que vivenciamos ao longo do tempo”.

Nesse contexto, percebemos que muitos dessas ações preconceituosas e discriminativas, chegam às nossas escolas junto ao currículo oculto de cada criança ao

iniciar sua vida escolar. Sabemos que as crianças em seu desenvolvimento cognitivo aprendem por imitação e tendem a reproduzir tudo o que se vê ou escuta.

Segundo FOSSILE, 2010 cita: “Piaget afirma que quando uma criança interage com o mundo à sua volta, ela atua (internamente e externamente) e muda a realidade em vivência”. Para que isso ocorra a criança deve ter um esquema de ação. É por meio do esquema de ação que a criança organiza e interpreta a ação, para que essa seja praticada.

É no seio familiar que o infante começa as suas primeiras lições de aprendizagem, muitas das vezes passamos para os nossos filhos, de maneiras até inocentes por parte de alguns não generalizando; gestos, ações e palavras que no futuro irá se transformar em um problema social de grande intensidade.

Nos primeiros momentos, os pais não se dão conta que todos os seus atos estão sendo catalogados e registrados pela ação cognitiva da criança recém-nascida e se estendendo pela fase de desenvolvimento motor e sensorial. Há quem afirme, que elas, as crianças, começam a sua percepção antes do seu nascimento através dos fatores emotivos transmitidos na gestação pela sua genitora.

Um grande exemplo disso é quando os bebês estão na fase fálica, que é uma fase de imitação e que o infante tende a reproduzir tudo que as pessoas o ensina, muitos dos seus pais o ensina a dar dedinho a mamãe ou ao papai, mas adiante em fases mais maduras a mesma criança ao ser chamada a atenção reproduz essa cena de forma raivosa e arrogante, gerando assim um certo desconforto entre o infante e seus genitores.

Da mesma forma, essa cena chegará ao ambiente escolar e desta vez a reprodução não será para com seus entes queridos e sim para seus colegas e educadores. Esse tipo de temperamento se diz respeito aos traços biológicos que herdamos geneticamente de nossos familiares, com isso não queremos dizer que as crianças já nascem predestinadas às determinadas ações preconceituosas, mas que geneticamente certos entendimentos estarão inseridos em seu subconsciente.

Quando falamos da parte biológica da personalidade, estamos nos referindo ao cérebro e sua infinita complexidade. O que herdamos e manifestamos desde as mais ternas idades e uma predisposição para desenvolvermos determinados padrões de pensamento e de comportamentos.

Sendo assim, o pensar e o agir de cada indivíduo não estão previamente moldados, mas de acordo com suas vivências, o cérebro reage ao ambiente externo e nessa interação de cérebro e meio ambiente, toda a sua biologia pode ser alterada de forma positiva ou negativa.

A criança por si só age espontaneamente, e os adultos contribuem para que a mesma reaja mediante os seus anseios e normas. Sendo assim quando pronunciamos às vezes sem maldades certos adjetivos pejorativos como, por exemplo: Neguinha, Nariz de Pinóquio, Amarelo, Barriga de bosta, Rato de esgoto, mas adiante nossos filhos ou alunos irão reproduzir de forma avassaladora os mesmo adjetivos propiciando um protagonismo preconceituoso incentivado por nós adultos. Muitos ainda tentam corrigir e terminam agindo de forma antipedagógica.

Ao chegarmos no contexto escolar, encontramos outro macro mundo, uma subdivisão denominada de universo do estudante ou universo do saber, que para SILVA (2010, p. 79) “No entanto infelizmente em grande parte das escolas sejam elas públicas ou particulares deparamos com uma hierarquia que quase reproduz os sistemas de castas das sociedades mais desiguais”. No mundo dos estudantes percebemos a existência de três classes que segundo a Médica Psiquiátrica e Escritora Ana Beatriz, denominou como: Os populares, os neutros e os excluídos.

Dentro dessa esfera escolar, todos os seus integrantes devem exercer seus papéis de forma eficiente e solidaria, para que os alunos possam aprender e praticar todo o conhecimento de que precisarão na caminhada rumo à vida adulta.

No entanto, a educação está em constate transformação. Isso se dá, por pertencer a uma sociedade que se transforma constantemente e está intrinsecamente ligada ao contexto socioeconômico, político e cultural.

Para SANTOS (2011, p 2), a escola deve ser um espaço privilegiado de inclusão de reconhecimento e pertencimento dos sujeitos sociais envolvidos principalmente no tocante, contra as relações preconceituosas e discriminatórias ao seu combate.

A lei nº 10.639/03 e 11.645/08 que determina a inclusão nos currículos escolares as disciplinas: História e Cultura Afro-brasileira e Indígena; além de contribuírem para a conscientização da subjetividade aspirante a direitos iguais e plenos pelos excluídos da cidadania, é também uma forma de autoestima para a geração de um povo que tanto

contribuiu para o progresso e formação desse país. Toda via a falta de uma política voltada para essas especificações nos fazem permanecermos estáticos e de forma excludentes ao tocante que estabelece a lei. Protagonizando mais uma vez permanência das ações preconceituosas e racistas em nossos estabelecimentos educacionais.

O preconceito normalmente pode não estar ligado exclusivamente à aparência física de uma pessoa ou povo, ele poderá estar ligado a uma escolha ou estilo de vida ou relativamente a classe social de uma pessoa, mas sempre será um julgamento apressado e superficial muito perigoso, pois ao invés de melhorar a nossa vida e da sociedade acaba trazendo muitas situações complicadas e até mesmo violentas.

Além disso, se faz necessário entendermos que as brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem algum tipo de violência seja ela física ou não, passa então a ter outro sentido, bem diferente de um simples divertimento. Brincadeiras realizadas com segundas intenções e de perversidade se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um.

Nesse sentido podemos até citar alguns adjetivos preconceituosos e expressões racistas mais comuns do dia a dia, que preconizam também forma de bullying, tais como: *Viadinho, Amulherado, Maria Homem, Borboleta, Ele é inteligente mais é viado, A filha da macumbeira, Neguinha metida, É preto mais tem alma branca, É inteligente a neguinha mais é preta não vale nada, Todo preto é ousado, Magricela parece um esqueleto, Olivia palito*

Esses e tantos outros são denominativos encontrados por nós educadores todos os dias e o pior de tudo, parte dessas denominações já se encontram inseridos no fator cognitivo da criança. O que torna ainda mais complicado uma ação reparadora de forma a desconstruir tal conceito sobre a cor ou afinidades de gênero se tornará ainda mais difícil se esses procedimentos partem das crianças maiores que já se encontram na fase pré-adolescente, principalmente na faixa etária dos 09 a 10 anos de idade; essa faixa etária geralmente é mais problemática devido ao amadurecimento psicológico que passam a influenciar diretamente no seu comportamento e na formação de personalidades dos mesmos, fazendo com que a reprodução de atos e ações preconceituosas e discriminatórias passe a ser mais constante ou de maior intensidade.

Como disse Carlos Ayres de Britto em discurso público: Aquele que sofre preconceito internaliza a ideia de que a sociedade o vê como um desigual, por baixo. E o preconceito quando se generaliza e persiste no tempo, se alonga, como é o caso do Brasil, ele vai fazer parte das relações sociais de base, que são aquelas relações sociais que definem o perfil de uma sociedade.

Nesse momento, o educador deverá contar com o apoio da familiar no sentido de acompanhamento escolar e combate aos conceitos inculcados em sua personalidade desde sua infância, mas infelizmente, este apoio familiar passa a ser quase impossível que segundo SANTOS (2008, p 6)

à modernização dos tempos e a sociedade capitalista que foi fundada a partir de valores sociais, favorecendo a uns e excluindo outros e por não falar a grande massa, passou-se a dificultar ou até mesmo afastar a figura da família no seu cotidiano, transformando os nossos parceiros para educação que são os pais, em uma figura inanimada para o processo de ensino-aprendizagem dos nossos alunos. (SANTOS, 2008. P. 6)

Tais fatores citados acima contribuem ainda mais de forma negativa no processo da aprendizagem bem como as questões relacionadas aos conceitos inculcados de certa forma no cognitivo das crianças, as quais já vêm apresentando prejuízo mediante as ações descentralizadas do aluno em virtude da sua atuação ligada a sua conduta pessoal e moral.

Os cacoetes passam a ser inseridos nesse contexto discriminativo e preconceituoso por estar presente na criança ou adulto de forma involuntária, fazendo com que o mesmo se sinta desigual ou inferior.

Esse sentimento de inferioridade psicológica infelizmente contribuirá para que o mesmo se torne alvo de chacotas e de falações, gerando assim certo desconforto que influenciará em seu aproveitamento escolar e conseqüentemente uma má aprendizagem dos conteúdos programáticos.

Vários são os cacoetes encontrados no dia a dia de sala de aula por nós educadores (as): crianças que piscam os olhos constantemente e sem o devido controle, gesticulações dos membros, pescoço, cabeça e tantos outros, sem falar nos cacoetes linguísticos ou vícios de linguagens como assim é popularmente conhecido, tornando a nossa atuação pedagógica muito mais complicada por se tratar de pessoas ou crianças que já se encontram retraída mediante a esse mal estar particular que o mesmo carrega e

estando em meio a sociedade, se tornará fragilizada por conta das ações dos seus colegas e adultos. Tais fatores fazem com que os educadores (as) procurem ser mais atuantes e vão mais além das suas atividades pedagógicas, passando a serem verdadeiros guerreiros com a missão de inserir essas crianças ou adolescentes no cotidiano escolar sem traumatizá-los mais do que já se encontram, propiciando um ambiente de confiabilidade, protegendo-os não só das ações preconceituosas e discriminatórias dos seus colegas de sala de aula, bem como de todo o complexo escolar e muitas das vezes até dos seus próprios entes queridos (familiares).

É comum encontrarmos pessoas já na fase adulta dentro das universidades que sofrem dos cacoetes e das fragilidades que os mesmos o condiciona, e que continuam lutando das formas preconceituosas e discriminatórias pelas quais tem que passar com determinados colegas. Ao nos aprofundarmos mais sobre a temática dos cacoetes linguísticos, nos deparamos com um dos quais vivenciamos continuamente em nosso dia a dia, comumente reproduzido por pessoas cultas e doutores do ramo acadêmico. Estamos falando do famoso complemento linguístico “NÉ?”. Este cacoete comumente reproduzido por várias pessoas foi registrado em todos os lugares e instituições as quais foram feitas as busca ativa e análise pedagógica. Como percebemos as questões abordadas nessa temática se faz presente em todas as instancias educacionais. Portanto, quanto mais cedo trabalharmos essas temáticas em nossos planejamentos pedagógicos, passaremos então a atuar de forma eficácia na formação da personalidade moral das nossas crianças, inculcando neles conceitos de respeito combatendo toda e qualquer forma de preconceito ou discriminação, eliminando de certa forma os atenuados bullying tanto encontrado no ambiente escolar e muito pouco trabalhado pelas instituições.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que as atitudes racistas e preconceituosas sempre existiram na humanidade, muitas vezes como reação de defesa de uma comunidade contra invasão pacífica de outra diferente dela, as quais se preconizam as situações de bullying em nossos espaços escolares como já citado anteriormente.

No entanto não basta somente identificarmos os tipos de preconceitos, discriminações e bullying em nosso dia a dia profissional, bem como estarmos na

defesa das nossas crianças portadoras de cacoetes. Necessitamos de uma atuação de formação continuada e atenuada ao enfrentamento das várias situações encontradas no contexto educacional de sala de aula. Nas quais frequentemente nos debatemos em meio a um entrave social que vai além da questão de gênero e religião, que de forma vergonhosa tende a nos colocar em constante avaliação das nossas praticas pedagógicas e docentes.

A implementação de políticas públicas e ações afirmativas dentro dos nossos projetos políticos pedagógicos (PPP) nos estabelecimentos de ensino tanto público como privado visando o combate às discriminações preconceituosas e racistas, serviram também como critérios para o estabelecimento da ordem e do equilíbrio moral nas unidades de ensino, evitando assim, sérios transtornos como o caso dos bullying e as evasões escolares.

Acreditamos que a escola deve ser um espaço privilegiado de inclusão e não de práticas contrarias exclusivistas e discriminadoras. A escola e todos os seus integrantes devem exercer seu papel de forma eficiente e solidária, contribuindo para que os nossos alunos possam aprender e praticar todo o conhecimento que precisaram na caminhada rumo à vida adulta; com isso estaremos colaborando para um protagonismo juvenil de forma igualitária para todos.

REFERÊNCIAS

BEATO, Joaquim. **Um novo milênio sem racismo na Igreja e na sociedade**. CENACORA, 1998.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e Discriminação como Expressões de Violencia**. Revista Estudos Feministas, ano 10, 1º semestre 2002, pag. de 119 à 141.

FOSSILE, Dieysa K. **Construtivismo versus sociointeracionismo**: uma introdução as teorias cognitivas. Revista Alpha, patos de Minas, UNIPAM. 2010. Disponível em: http://unipam.edu.br/documents/18125/23730/construtivismo_vesus_socio_interacionismo.pdf. Acessado em 15/01/2019.

LOPES, Andressa Pereira; PONTES, Édél Alexandre Silva. Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 275-281, 2009.

MELO, **Josevaldo Araujo de**. Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. Recife: EDUPE, 2010.

MELO, Marcos Ribeiro de. LIMA, Maria Batista e LOPES. Edinéia Tavares.

IDENTIDADES e ALTERNIDADES: debates e praticas a parti do cotidiano escolar. São Cristovão – Se: Ed. UFS, 2009.

SANTOS, Antonio Fernando. **A EDUCAÇÃO COMEÇA EM CASA: Importância da família na aprendizagem dos alunos.** Artigo de conclusão do curso de pedagogia: Faculdade São Luis de França. Aracaju, 2008.

SANTOS, Sônia Oliveira. **A Religiosidade de Matriz Africana e o contexto escolar.** IV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SELVA, Walburga Arns da. **Organização do trabalho e Ação Pedagógica:** influencia da pré-escola no processo de alfabetização. São Cristovão – Se: Ed. UFS, 2004.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Americas. Sales Augusto dos Santos (Organizador). Brasília; Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

Preconceito, Racismo e Discriminação no Contexto Escolar. Flavia Cunha Lima (Professora Formadora da Diversidade – CEFAPRO Barra do Garças). Disponível em: www.slideshare.net/flaviacunhalima/preconceito-racismo-e-discriminao-no-contexto-escolar. Acessado em 12/07/2013.

Direitos humanos para quilombolas: consciência e atitude. -- Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Subsecretaria de Gestão da Política de Direitos Humanos, 2006.

Nossa Língua Portuguesa. Sergio Biagi Gregório. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sbglinguaportuguesa/cacoetes-linguistico>. Acessado em 27/05/2013.